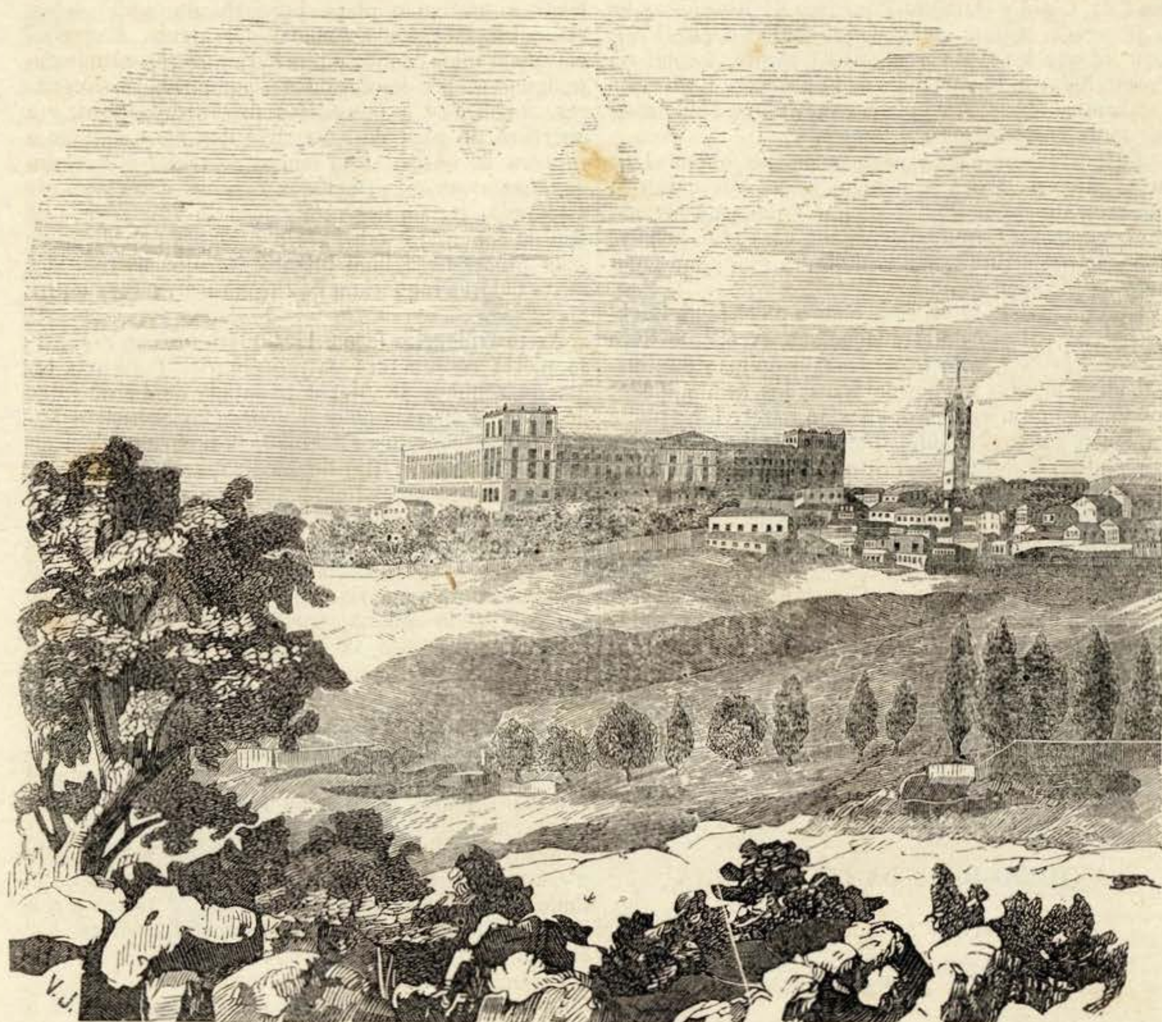



Palacio real da Ajuda — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

O palacio que se denomina de Nossa Senhora da Ajuda está levantado em uma eminencia, a dois kilometros, pouco mais ou menos, das barreiras de Lisboa, sobranceiro e mui proximo á elegante povoação de Belem, outr'ora suburbio apenas da capital, constituindo um dos bairros em que esta se dividia, e hoje cabeça do novo concelho do mesmo nome.

Erigido n'uma situação desaffrontada e verdadeiramente deleitosa, abraçando em todas as direcções um vasto e pittoresco horisonte, o palacio da Ajuda tem, com o famoso templo do Coração de Jesus, vulgò da Estrella, o privilegio de attrahir a attenção do forasteiro instruido logo que pela primeira vez entra no nosso magnifico porto.

Destruido por um incendio o velho e mesquinho paço que el-rei D. José I mandára construir á pressa por occasião do horrivel terremoto de 1755, resolveu a senhora D. Maria I ir habitar o palacio e quinta edificado primitivamente por Christovão de Moura no sitio de Queluz, e ultimamente ampliado e embellezado por el-rei D. Pedro III, seu esposo e tio; concebendo-se então o pensamento de levantar das ruinas do antigo paço um outro proprio da capital d'estes reinos.

Foi D. João VI, sendo regente em nome de sua mãe, quem lançou a primeira pedra d'este edificio monumental. Traçado debaixo de um plano vasto e digno da nação que espantára a terra com os seus assombrosos feitos, e ainda a esse tempo conservava nas quatro partes do mundo ricas possessões, as obras d'este palacio progrediram com a necessaria regularidade, debaixo da direcção dos artistas mais afamados, até que a invasão dos francezes as fez interromper, retirando-se a corte para o Rio de Janeiro. Depois d'essa epocha mui poucos trabalhos se tem alli feito; e aquelle edificio, n'uma grande parte por concluir, se mostra o alto espirito de quem imaginára o seu desenho, não revela menos o nosso desleixo e incuria, deixando em tal estado um monumento que nos fazia honra, quando somos tão largamente prodigos em reparar paredes velhas, e em aproveitar, á custa de grossas sommas, dispendidas esterilmente, edificios de architectura duvidosa, e ainda, para os fins a que os destinam, absolutamente improprios muitas vezes.

Só a fachada que deita para o lado de léste, a qual a nossa gravura representa ao longe, em frente da cidade, se acha quasi inteiramente concluida; a do sul está apenas em meio, e faltam as duas outras:

porque o palacio devia formar um grande recinto quadrangular, rematado nos angulos por amplos e airosos torreões, como os que representa a estampa.

Os primeiros architectos da Ajuda faram Fabri, José da Costa e Antonio Francisco da Rosa; mas foi o primeiro, artista italiano que falleceu em 1707, aquelle que levantou a primitiva planta, a qual recebeu todavia importantes modificações. Estiveram tambem as obras da Ajuda commettidas ao official do corpo de engenheiros F. Raposo.

Encontram-se n'este palacio muitos objectos de arte, entre os quaes se contam talvez 800 quadros, infelizmente de infimo valor em grande parte: nas casas adjacentes, que pertencem á casa real, acha-se estabelecida a riquissima bibliotheca real e um gabinete de physica.

Grande e triste inutilidade chama o conde de Rackzynski ao palacio da Ajuda no seu excellente livro sobre as artes em Portugal; mas a opinião do illustre allemão não a considerâmos nós sem appêllo, quando, como n'este caso, ella não parece ter aquelle cunho de imparcialidade, que em geral distingue as apreciações d'aquelle auctor, a quem aliás somos devedores de tão prestantes serviços. E na verdade, todos concordam em que o paço da Ajuda tem defeitos architectonicos: e qual é a obra humana que os não tem? mas é certo que esses defeitos são remediaveis, e que o effeito geral é grandioso e surprehendente, lamentando-se geralmente que uma similhante obra se não conclua, porque nos não envergonharia de certo, dotando a capital com um monumento que, ainda quando sua magestade el-rei o não quizesse aproveitar para residencia, bem longe de ser inutil, poderia ter bem facil e proveitosa applicação.

*P.*

---

## ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

### (ELPINO NONACRIENSE)

### IV

Pelas cartas de officio, que enviaram á corte o vice-rei e capitão general de mar e terra do Estado do Brasil Luiz de Vasconcellos e Sousa, e o governador da capitania de Minas Geraes visconde de Barbacena, chegou ao governo a noticia de que varios habitantes da referida capitania tinham desde o anno de 1788 concebido o ousado projecto da a sublevarem, negando obediencia á metropole, e de constituil-a independente sobre a fórma de republica. Tendo ante os olhos o recente exemplo dos Estados-Unidos esperavam que, uma vez realisado o seu commettimento, as capitanias visinhas para logo se lhes aggregariam, formando juntas um corpo que poderia, com todas as probabilidades de bom exito, arrostar denodadamente com as forças que Portugal não deixaria de mandar-lhes no intento de as sujeitar de novo ao jugo, que detestavam, e que se lhes tornava de dia em dia mais insupportavel. Organisára-se, pois, uma conjuração, cujo foco era em Villa-Rica, mas que tinha ramificações no Rio de Janeiro; conjuração já temivel pelo numero e qualidade dos associados, porque n'ella entravam individuos de todas as ordens e classes, alguns d'elles poderosos e influentes por sua hierarchia e saber, outros pelos seus recursos pecuniarios: magistrados, ecclesiasticos, militares e commerciantes, todos animados do mesmo espirito, todos dispostos a levar ávante a empreza de uma emancipação em que anteviam honras, vantagens, e nome perduravel nos fastos dos vindouros.

Mas não havia motivo para recear pela segurança do estado; porque, segundo as mesmas cartas, quando os conspiradores, fomentando o descontentamento publico, e contando com a adhesão do povo no momento opportuno, se julgavam em vesperas de levar á pratica o plano premeditado, atraiçoados, como tantas vezes acontece, por alguns d'aquelles em quem mais confiavam, acharam-se repentinamente descobertos e denunciados ás auctoridades superiores. Seguira-se a immediata prisão de alguns, e a abertura de uma devassa, que deu em resultado a captura de outros. Não menos de trinta e dois, em que entravam os principaes cabeças e motores do attentado, jaziam nos calabouços de Villa-Rica e do Rio de Janeiro; e era para a prompta expedição de seus processos e final julgamento, que os referidos governadores requeriam ao throno instrucções e providencias.

As providencias foram taes quaes podiam esperar-se n'esta conjunctura extraordinaria. Por carta regia da senhora D. Maria I, datada de 17 de julho de 1790, e dirigida ao desembargador Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, já nomeado chanceller da relação do Rio de Janeiro, se lhe ordenava, após um longo preambulo tendente a aggravar a fealdade da culpa, que passasse quanto antes áquella cidade, acompanhado dos doutores Antonio Gomes Ribeiro, e Antonio Diniz da Cruz e Silva, para alli sentenciarem summariamente em relação os reos de tão execrando delicto; servindo elle chanceller de relator no processo, de adjuntos certos os dois que iam nomeados, e com elles os mais ministros, cuja escolha se deixava ao seu arbitrio entre os magistrados empregados no Brasil; tudo nos termos constantes da mesma carta, que por traslado (e junta a outras peças e documentos pertencentes a este notavel processo) temos á vista no momento em que isto escrevemos.

Acaso sollicitaria Diniz a parte que lhe foi dada n'esta tragedia sanguinolenta? ou seria antes escolhido para ella com insciencia sua, e talvez a seu pesar? Não o podêmos decidir; mas folgariamos, por credito do seu nome e honra da humanidade, que a segunda hypothese fosse a verdadeira.

O certo é que elle se achava em Lisboa desde o começo do anno indicado; ou porque tivesse obtido a permissão de vir á corte depois d'entrar no exercicio do seu logar no Porto, ou porque alguma outra commissão ou negocio de serviço publico aqui o demorasse.

O governo tratou em seguida de apromptar embarcação que conduzisse a alçada ao seu destino. Foi escolhida para esse fim a fragata Golfinho; mal parece que nos preparativos se consumiu assás de tempo, pois só no anno seguinte de 1791 é que ella aportou á barra do Rio, levando a seu bordo os magistrados que iam desempenhar aquella terrivel missão.

Não é para este logar a narrativa de todo o occorrido com este celebre e demorado processo, no qual, entre outros seus companheiros de infortunio, figuraram como victimas tres mui distinctos poetas, sem duvida merecedores de melhor destino, isto é, os desditosos Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, e Ignacio José de Alvarenga, aquelle suicidado pouco depois da sua prisão em Villa-Rica, estes extinctos nos adustos areaes da Africa oriental, por effeito da sentença condemnatoria que para ahi os arremessou.

Abstendo-nos pois de todas as reflexões que o caso longamente suggeria, limitar-nos-hemos a dizer que os juizes da alçada cumpriram a sua missão a aprazimento da corte, e foram por ella recompensados: e que em 1793, por uma d'essas antitheses, mais que ordinarias no curso dos successos humanos, na propria occasião talvez em que o infeliz Dircêo, o

chorado cantor de Marilia, partia carregado de ferros a expiar no desterro uma culpa, quanto a nós não provada (em vista do que podêmos alcançar do processo, e principalmente da allegação de defesa feita a favor dos réos pelo habil advogado que lhes foi dado, o doutor José de Oliveira Fagundes, a qual tambem temos presente), Elpino, o cantor do Hyssope e dos Heroes da India, recebia na nomeação de chanceller da relação do Rio o premio do julgamento, abrindo-se-lhe uma nova porta para maiores avanços e futuras mercês.

Se não nos enganâmos, a este periodo da sua vida deve referir-se a composição de um soneto (que é nas suas obras impressas o 86.º da centuria III) em o qual elle se mostra como que desconfiado dos mimos com que a fortuna lhe sorria. Sendo o volume dos sonetos o menos vulgar da collecção, não se nos levará a mal que d'elle o copiemos, para que o leitor ajuize o que lhe parecer.

Por mais que ledo e placido o semblante
A Fortuna me chama e a estrada aplana;
Engana-se, se pensa que me engana,
Esse monstro voluvel e inconstante.

Esse de seu favor clarão brilhante,
Com que em me deslumbrar tanto se afana,
Relampago será que a vista humana
Fere e desapparece n'um instante.

Sem ella, e sem seus dons honradamente
De meus annos a mór parte hei passado,
Pobre sim, mas livre e independente;

Nem eu desejo mais pomposo estado,
Que aquelle que com pouco está contente
E' quem póde chamar-se afortunado.

Dos ultimos annos passados por Diniz no Rio de Janeiro não podêmos descobrir memoria ou vestigio de mais particularidades de que nos façamos cargo. Achava-se elle na edade já provecta de sessenta e sete annos, quando no de 1799, segundo crêmos, lhe chegou a nomeação de membro do conselho ultramarino, e com ella a ordem de transferir-se para Lisboa, a fim de entrar no exercicio de suas funcções. Consta que ainda tomára posse do novo cargo por procuração; e tratava sem duvida de aprestar-se para a viagem, quando n'esse mesmo anno, ou principios do seguinte, assaltado de enfermidade, cuja natureza e duração ignorâmos, mas que tornou inefficazes os soccorros da medicina, terminou seus dias longe da patria e do seu velho amigo e novo collega Theotonio Gomes, o qual, recebendo a noticia da sua morte, não se demorou em acompanhal-o, pois se finou tambem a 21 de setembro do proprio anno de 1800.

O que deixâmos referido é tudo o que nossa diligencia e cuidado pôde até agora averiguar de certo ou mais provavel, ácerca da pessoa e feitos do varão insigne, cuja memoria será sempre cara aos que cultivarem a lingua que elle soube ennobrecer com seus cantos immortaes.

Consta que fôra cavalleiro professo na ordem de Avis; e, durante alguns annos, socio correspondente da academia real das sciencias, que o nomeou tal pouco depois da sua creação; mas é certo que de 1786 por diante não mais encontrámos seu nome incluido nas listas dos socios que annualmente se publicavam no almanach de Lisboa; ou porque elle se escusasse do cargo, ou porque a academia resolvesse excluil-o, já por falta de cumprimento dos deveres academicos, a que n'aquelle tempo se ligava grande importancia, já por qualquer outra razão que não veiu ao nosso conhecimento.

Ignorâmos se deixou alguns parentes; mas inclinâmo-nos a crer que não. Ha toda a probabilidade de que se conservou e morreu celibatario; e quanto a irmãos, não consta que tivesse mais que um, por nome fr. Francisco de Sales, religioso da terceira ordem no convento de N. S. de Jesus, e que, depois de exercer varios logares importantes, falleceu em 1764, de cincoenta annos de edade, em Elvas, para onde fôra, por conselho dos medicos, quando seu irmão ahi desempenhava as funcções de auditor.

V

Terminando aqui estas noticias, segundo o que pôde alcançar a minha diligencia e investigações, não deporei a penna sem dar aos leitores uma especie de explicação, a que me julgo pessoalmente obrigado.

Corria já impresso o segundo artigo dos quatro em que estava dividido o presente esboço, quando um amigo teve a bondade de accusar-me a existencia de outro mais extenso e bem delineado quadro biographico-litterario, ácerca de Diniz e de suas obras, impresso no *Panorama* vol. IV da 3.ª serie (1855), e continuado no vol. seguinte. Na impossibilidade de ler tudo o que diariamente sae á luz, mórmente em folhas periodicas e escriptos avulsos, e mais afeito a conversar com os mortos que com os vivos, não será muito de estranhar, que tivesse passado desapercebido para mim aquelle magnifico estudo. E facil de ver que, se com anticipação o conhecesse, procuraria evitar esta involuntaria, e até certo ponto desairosa concurrencia, abstendo-me de tratar de novo um assumpto, que já o fôra, e com taes graças e pompa de estilo, por penna tão bem aparada, qual a do sr. Rebello da Silva, ou, pelo menos, a elle teria alludido, quando a paginas 346 d'este volume dava conta de tudo o que sabia escripto com respeito á pessoa de Antonio Diniz.

Confrontando, pois, os artigos do *Panorama* com os meus modestos apontamentos, achei ao menos com satisfação, que não havia motivo plausivel para se me impor em boa consciencia o ferrete de plagiario, por isso que, á parte os pontos essencialmente historicos, em que não podiamos deixar de coincidir, dava-se na fórma e nos accessorios consideravel differença, mais que sufficiente para que alguem imaginasse que eu me apropriára o trabalho alheio.

E isto é tanto mais verdade, que a reminiscencia me acudiu de prompto, lembrando-me que a indicação precisa e certa da epocha do nascimento do poeta fôra eu que em 1853 (se não me engano) a fornecêra ao sr. Rebello, em uma de varias entrevistas que n'esse anno tivemos na typographia do proprietario e editor do *Panorama*, o sr. Lopes, que então imprimia a sua nova edição das *Poesias de Bocage*, de cuja disposição e arranjo eu me encarregára a pedido seu.

No que diz respeito á composição do *Hyssope*, e outras circunstancias concomitantes, vê-se claramente que o illustre auctor da *Mocidade d'el-rei D. João V* bebeu em fontes diversas das minhas. Já acima expuz que a minha narrativa era fundada em memorias locaes e contemporaneas, que existem em meu poder, e reunem todos os caracteres de exactas e insuspeitas. A graciosa anecdota dos tres personagens que o eximio escriptor, com a mestria que lhe é propria, elevou ás proporções de um excellente capitulo de romance, pintada com aquellas tintas que o seu pincel sabe distribuir tão agradavelmente, fica para mim mais que muito duvidosa; seja dito sem offensa sua, nem da respeitavel auctoridade que invoca, pois que nem um nem outro foram testimunhas de um facto que, a ser verdadeiro, teria occorrido antes do nascimento de qualquer d'elles; e

cujo conhecimento houveram por tradição, quanto eu posso julgar destituida de fundamento.

Citarei ainda de passagem mais alguns pontos, em que a verdade não parece accordar-se inteiramente com a narração do illustre historiador. Não vejo como os *consocios de Diniz na academia real das sciencias de Lisboa chorassem e sentissem a sua perda em* 1799, tendo-o, doze annos antes, isto é, no de 1787, mandado riscar do seu gremio, excluindo-o da lista dos socios correspondentes: e tambem tenho por improvavel a *amizade* e *convivencia* que se nos dá como existente entre Diniz e Ribeiro dos Santos, os quaes, a meu ver, morreram sem jámais se terem talvez avistado ou tratado pessoalmente um ao outro. As razões que me levam a crêl-o omitto-as por brevidade, mas dal-as-hei a quem as pedir.

As suppostas mutilações no *Hyssope*, de que se pretende fazer cargo a Diniz taxando-o de ingrato para com o marquez, é mais outro ponto controverso, cuja indagação nos levaria longe. A critica repugna admittil-as; e em quanto não obtiverem melhor prova que o dito de Verdier, que primeiro aventou a idéa da sua existencia, julgo não haver motivo sufficiente para acreditil-as.

Ultimamente parece-me que conviria reformar a data do fallecimento d'el-rei D. José, que no vol. IV do *Panorama*, pag. 402, se assigna em 23 de dezembro de 1776, quando todos os historiadores portuguezes, e até as antigas *Folhinhas d'algibeira*, a collocam em 24 de fevereiro do anno seguinte.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

## CRIAÇÃO E CAÇA DOS PATOS BRAVOS NA ALLEMANHA

Os lagos que, em larguissima profusão, ha na Allemanha, destinam-se exclusivamente á criação de patos bravos. Para este fim dá-se-lhes a figura de um quadrado, e guarnecem-se as suas margens de rosaes e de arvores diversas, de modo que se possa circular em torno d'elles, sem os patos darem por isso, porque estes animaes são muito ariscos e ageis, desapparecendo, como por encanto, mal percebem ou avistam gente. Em cada angulo do quadrado constroe-se um canal, cujo diametro é na abertura de tres a quatro metros, e vae successivamente diminuindo até terminar em ponta. O seu comprimento não passa, em geral, de vinte metros.

Quando a criação está já, pelas suas agradaveis provas de fecundidade, a convidar o caçador, cobrem-se os canaes com umas redes em fórma d'arco, tal como se vê na gravura, unidas e atadas umas ás outras, diminuindo uniformemente de dimensões, e terminando tambem em ponta, mas para além da extremidade dos canaes, na distancia de uns dez metros. Aos lados dos canaes, desde a embocadura até á sua extremidade, ha rosaes dispostos como os bastidores de theatro, e de modo tal, que o caçador, collocado entre elles, possa ver até ao fundo do canal e extremidade das redes, e ser ao mesmo tempo visto d'ahi, sem que os patos bravos o descubram.

Em quanto os patos bravios vão crescendo, engordando e multiplicando no lago, vão os caçadores em casa fazendo nascer tambem, e deixando multiplicar um grande numero de patos mansos, que acostumam a vir comer ao som d'um apito. Estes ultimos são os que desempenham o papel d'heroes da caçada. Reunem todas as condições favoraveis á cilada para que os educam, e que tão habilmente armam aos seus innocentes irmãos. Distinguem-se dos outros pela grossura da cabeça, que é muito maior, tem os mesmos habitos, e obedecem facilmente a seus donos. Da utilidade e indispensabilidade d'estas tres circunstancias vae o leitor avaliar.

A caçada principia por se levarem estes patos a comer cevada préviamente collocada no fundo do canal, d'onde parte o signal d'ataque dado pelo apito. Depois deixam-nos ir para o lago. Quando o caçador, postado entre os bastidores de rosaes, os vê já misturados com os patos bravos, o que mui facilmente conhece pela grossura da cabeça, apita. A este toque os patos domesticos põem-se logo a caminho do canal d'onde elle parte. Durante o transito, cacarejam sempre e muito, como fazem quando avistam as pessoas que costumam levar-lhes a comida, a fim de que os patos bravos os acompanhem na persuação de que são conduzidos para grande pitança, o que obtem chegando á embocadura do canal com trinta, quarenta e mais d'estes desgraçados. Mas o aspecto das redes admira os seus camaradas, que param, mui pouco resolvidos a continuarem. Aqui é que o plano começa a transtornar-se! Como fazel-os atravessar o ponto fatal? Como vencer a sua justa desconfiança?

Tudo se arranja facilmente.

Pois que os patos não fogem do seu inimigo, antes, pelo contrario, avançam sobre elle em massa, e o inimigo dos patos é a rapoza, a fuinha, o lobo, o gato, etc., faça-se apparecer um cão pequeno que, em virtude do seu pêllo, se assimilha á rapoza. Dito e feito, mostre-se o cãosinho sobre os rosaes mais proximos da embocadura do canal onde os patos suspenderam a sua peregrinação gastronomica. O exito corresponde á consequencia do raciocinio. Mal avistam o animal, precipitam-se logo sobre elle. Mas o individuo encarregado de dirigir a trama chama o cão e o colloca mais áquem. Os patos avançam novamente. Chama-se outra vez o cão, e se repete esta manobra até os patos penetrarem uns dez metros por baixo das redes. Então o caçador corre á embocadura do canal e se deixa ver. Ao descobrirem-n'o, as victimas começam a nadar e a saltar por sobre a agua com grande precipitação, e se introduzem assim de mais em mais pelo interior das redes, que o caçador e os seus ajudantes fecham, e correm para o terreno no momento em que os patos chegam á extremidade d'ellas, que, como se sabe, termina além da extremidade do canal.

Eis-aqui o engenhoso meio com que na Allemanha se caçam os patos bravos.

*N. S.*

## FLORES DO CEO

(LENDA RELIGIOSA)

### I

Diocleciano acabava de entregar o imperio a Galerio, e retirára-se para Salona, acompanhando-o, n'aquelle philosophico retiro, negros cuidados e pungentes remorsos. Havia sido publicado um novo edicto contra os christãos, e os governadores das provincias rivalisavam com os magistrados da propria Roma no empenho de aniquilar o christianismo, afogando em sangue a doutrina predestinada a conquistar o mundo.

Presidia em Cesaréa, na Capadocia, o prefeito Sapricio, cercado d'aquella magestade de que Roma sabia revestir os seus delegados. Ao pé do tribunal estavam sentados os escrivães; ás portas vigiavam os lictores; no recinto do pretorio erguia-se uma estatua de Jupiter, diante da qual, preparada para receber incenso, estava uma trípode de bronze cheia

de brazas. Perto do idolo viam-se tres homens robustos com instrumentos de fórma extravagante e sinistra; um d'elles tinha na mão tenazes de ferro. Eram aquelles os verdadeiros sacerdotes de Jupiter, aquelles que procuravam cada dia offertar-lhe em holocausto almas e consciencias. Varios christãos acabavam de ser sujeitos ás provas, e tinham confessado a fé. Uns, ensanguentados, estavam presos ás columnas da sala; outros pendiam, suspensos pelos braços, do tecto de uma galeria; outros, finalmente, cobertos de feridas, mas com risonho semblante, esperavam que os lictores os conduzissem ao supplicio.

A curiosidade publica, que, excitada por similhantes scenas, parecia começar a cançar-se, exaltou-se de novo com o apparecimento de uma mulher, vestida de branco, e coberta com um véo, que os soldados conduziam perante o juiz. Não se lhe via o rosto, mas devia de ser moça e formosa, porque a sua figura era elegante e proporcionada como a de Diana caçadora, e debaixo do véo descobriam-se-lhe magnificas tranças de negros e assedados cabellos.

— Como te chamas, donzella? disse Sapricio.

— Chamo-me Dorothea, respondeu ella com voz segura.

— Sabes por que te mandei comparecer aqui? Conheces o edicto dos augustos imperadores?

— Conheço; mas o meu Deus, que é tambem augusto, não me permitte obedecer-lhe.



Criação e caça dos patos bravos na Allemanha — Gravura de Coelho Junior

— Reflecte; um pouco de incenso ao pae dos deuses, ou os tormentos! A sujeição a Cesar, ou uma affrontosa morte.

— O verdadeiro Deus, o Senhor do ceo e da terra, exige tambem a minha obediencia: e a quem é mais justo obedecer: ao creador ou á creatura?

— Deixa essas loucuras, donzella; sacrifica, ou treme; servirás de exemplo aos outros refractarios!

— Eu não tremo diante dos homens; não receio as tenazes nem os potros: receio só as penas eternas e o fogo que se não apaga nunca.

Durante este breve dialogo, conservára a virgem um aspecto sereno, e a sua voz meliflua, ainda quando se exaltára, resoava como os sons de uma lyra, cuja melodia é o enlêvo do coração. Os christãos, seus irmãos, alentavam-na com os olhos mortiços; os pagãos contemplavam-na surpresos, e o proprio Sapricio, movido de desusada compaixão, disse aos lictores:

— Conduzam esta donzella á prisão; quero dar-lhe tempo para reflectir; a idéa do que aqui viu ha de tornal-a mais prudente!

II

Estava Dorothea sósinha no carcere, d'onde tantos christãos tinham saido para o supplicio e para o ceo; de joelhos, cantava com voz commovida o cantico dos tres meninos hebreus na fornalha de Babylonia, o qual começa assim:

«Creaturas que sois as obras do Senhor, bemdizei todas aquelle que vos creou, e celebrae os seus louvores e a sua gloria eternamente.»

E tão absorta estava, que não sentiu abrir-se a porta; mas o seu nome, proferido de manso, a arrancou ao seu tão suave extasis. Diante d'ella estavam duas raparigas, de peregrina formosura, vestidas garrida e esplendidamente. A mais velha tinha os cabellos negros e entrançados com fios de perolas;

á outra, soberbo e correcto perfil, cobria-a um alvissimo véo bordado de ouro.

— Dorothea, disseram ellas, conheces-nos?

A virgem mirou-as attenta, e o seu semblante meigo tomou um aspecto triste e severo, e respondeu:

— Em outro tempo conhecia-vos; ereis Christés e Callista; amava-vos então como minhas irmãs em Jesus Christo... agora não vos conheço, porque renegastes o nosso Deus!

— É verdade, tornou Christés, offerecemos alguns grãos de incenso aos idolos, porque somos frageis mulheres, e não podêmos resistir á violencia dos tormentos...

— Olha, acudiu Callista, queriam-nos dilacerar as carnes com cardas de ferro, e queimar as costas com archotes!... Oh! tivemos medo.... e tu propria, Dorothea, debil e educada esmeradamente como és, não poderás affrontar similhantes supplicios!

— Eu nada posso só por mim, respondeu a virgem; mas posso tudo por aquelle que fortifica o meu coração. E vós que cedestes ao terror, que os romanos converteram em um deus, sois porventura felizes?

— Gozâmos as delicias da vida; o proconsul remunerou magnificentemente a nossa obediencia, e prepara-nos a ambas auspiciosos consorcios. Dorothea, a mesma ventura te espera, se quizeres condescender: serás saciada de riquezas, e tornar-te-has a esposa ditosa d'aquelle que o teu coração houver escolhido.

— O rhetorico Theophilo, cuja eloquencia é geralmente admirada, ama-te, Dorothea, e aspira á posse da tua mão, acrescentou Christés. Cede aos seus desejos, e não afastes de ti a agradavel taça da vida: consente em sacrificar, e poderás, em segredo, como nós fazemos, adorar Christo, e seguir os seus sublimes preceitos.

— O infelizes mulheres que o demonio perdeu! exclamou Dorothea; mandaram-vos aqui para me seduzirdes? Mas Jesus Christo, que escolhi para meu esposo, defenderá a minha fé. Dizei áquelles que vos enviaram, a Sapricio e a Theophilo, que prefiro a morte ao opprobrio, e que nenhuma esperança da terra, nem as riquezas, nem as promessas do hymeneu, me farão renunciar o amor do meu Senhor Jesus.

Proferiu estas palavras com tão inspirada energia e tão profunda convicção, que as duas donzellas pagãs ficaram perturbadas, e involuntariamente baixaram os olhos. Dorothea continuou:

— Ó minhas irmãs d'outr'ora, vós, a quem o Cordeiro immaculado convidára ás suas bodas, esquecestes porventura as promessas do baptismo e os laços que vos prendiam a Jesus Christo? Que vos fez o divino Salvador para assim o abandonardes? Não sabeis que elle vos havia de sustentar com a sua graça no meio dos tormentos, e que, depois do combate, immarcessivel gloria vos estava reservada? Pois consentistes que outras vos roubassem a coroa que vos pertencia?

— Ah! exclamou Christés, suspirando, pois o nosso Deus, que é tão misericordioso, não será indulgente com a nossa fragilidade?

— É misericordioso, sim; mas, e vós bem o sabeis, como ha de haver o perdão sem o arrependimento?

— Pensas tu, exclamou Callista, que no maior dos festins e dos saráos não nos tem perturbado a imagem do teu Deus, do nosso Deus?

— É o nosso Deus que vos procura, disse Dorothea: oh! escutae a voz do bom pastor, e vinde mostrar-me como se deve morrer!

As duas irmãs desataram a chorar, e a graça victoriosa influia sem duvida sobre as suas almas, porque, quando os lictores vieram buscar Dorothea para a conduzirem ao tribunal, ellas seguiram-na com passo firme, envolveram-se nos seus véos, e prepararam-se com o signal da cruz; Christés, porém, vendo um velho mendigo á porta da prisão, desprendeu os fios de perolas do cabello, deu-lh'os, e disse-lhe:

— Meu irmão, rogae por nós, que vamos morrer!

III

Immenso povo atulhava o pretorio, quando alli conduziram Dorothea e suas companheiras; na primeira fileira dos espectadores via-se um mancebo, embuçado em um manto; estava muito pallido, e nos olhos debuxou-se-lhe profunda inquietação logo que Dorothea appareceu... Quando esta passou por diante d'elle, estendeu repentinamente os braços e disse-lhe:

— Dorothea, sacrifica e viverás feliz.

A virgem nem pareceu ouvil-o. Os lictores conduziram-na ao tribunal, e Sapricio fez aproximar Christés e Callista.

— E então! lhes disse elle, que conseguistes? Presta-se a obedecer? abandona a sua superstição?

— Não, senhor, disse Christés em voz alta e firme, a serva do Deus vivo prefere morrer a sacrificar aos idolos; e fortificadas pelo seu exemplo, minha irmã e eu abjurâmos os nossos erros. Enviae-nos ao supplicio, empregae os vossos instrumentos de tortura; estamos prestes a confessar Jesus Christo, e nós vos desafiâmos e aos vossos deuses!

Ao ouvir taes palavras, a fronte do governador tornou-se sombria como a noite, e disse ás duas irmãs, cuja impavidez assim arrostava a sua colera:

— Reflecti ainda... eis-ahi os carrascos e a cuba em que sereis precipitadas... dou-vos um instante apenas!

As duas irmãs abraçaram-se estreitamente, e sem responderem, foram entregar-se aos algozes.

— Cumpra-se a lei! exclamou Sapricio.

N'um abrir e fechar d'olhos, Christés e Callista foram presas e atadas como um feixe de flôres, e os algozes, arrastando-as, as lançaram n'uma caldeira, d'onde se erguia um fumo espesso. O seu derradeiro brado foi:

— Senhor, acceitae esta expiação!

Fez-se um lugubre silencio no pretorio. Todos estremeciam; o receio e o terror agitavam os espiritos: as preces de Dorothea, porém, como uma grande chamma que o vendaval não póde apagar, subiam tranquillas e puras ao ceo.

— Aproxima-te, temeraria rapariga, disse em fim Sapricio: vem sacrificar a Jupiter.

Ella sorriu-se, e respondeu:

— Para que proferes essas vãs palavras? Enviame para onde estão minhas irmãs... ellas chamamme, e oram por mim!

— Deixa-te de illusões! Sacrifica e viverás, e possuirás as riquezas que Christés e Callista deixaram. Eu lhes acrescentarei ainda outros thesouros.

— De que me servem esses thesouros da terra, que é isso senão pó e cinza?! Aspiro aos eternos bens, e sei que, depois da lucta, irei descançar para sempre n'esses jardins celestes, onde os lyrios nunca perdem a sua alvura, aonde as rosas florejam brilhantes e perfumadas, aonde são offerecidos aos eleitos deliciosos fructos... Tenho pressa de lá chegar, e de me unir ao esposo da minha alma!

— Eu castigarei a tua boca insolente, que ousa affrontar os deuses immortaes e os invenciveis imperadores. Ordeno que sejas esbofeteada pela mão do algoz.

Logo que Dorothea ouviu esta ordem, levantou o véo, que até então conservára descaido, e todos po-

deram ver o seu nobre semblante, que a geral curiosidade mais commovia que os mesmos tormentos. Sem dizer uma palavra, sem articular um queixume, a virgem recebeu a tortura com que o governador a ameaçára: orando fervorosamente áquelle que, segundo as palavras do propheta, não desviára a face ao ultraje, e cujo poderoso exemplo animava os discipulos entre os insultos e na presença da morte.

— Não cedes? disse outra vez Sapricio. Pois bem! escuta a tua sentença. Á virgem Dorothea, que desobedeceu aos imperadores e se negou a sacrificar aos deuses, será cortada a cabeça. Ide, lictores, fazei o vosso dever.

Os olhos de Dorothea fulguraram de alegria; deitou o véo para o rosto radiante, e collocou-se no meio dos guardas. Abriu alas a multidão para ella passar. No momento em que ia seguindo por diante do mancebo que lhe fallára da primeira vez, segurou-a este respeitosamente pelas roupas fluctuantes, e disse:

— Dorothea, se o Deus por quem vás morrer é o verdadeiro Deus, envia-me flores d'esse jardim de que fallavas ind'agora.

— Eu vol-o prometto, Theophilo, respondeu ella gravemente.

E partiu. Theophilo seguia-a de longe, pallido e com o peito opprimido. Viu-a parar perto do logar do supplicio; viu brilhar no ar o cutello, ouviu os gritos do povo que lhe partiram o coração. Mas no mesmo instante tocaram-lhe levemente na mão, e Theophilo, voltando-se, deparou com um menino formosissimo, que lhe apresentou, sorrindo, tres deliciosos fructos e um ramo de rosas, que pareciam rociadas de orvalho.

— Dorothea te sauda, lhe disse o menino, e te envia estas flores e estes fructos do jardim do seu esposo.

Theophilo pegou n'aquelles fructos maravilhosos e n'aquellas flores que a terra não tinha visto desbrochar, e estremeceu, olhando em torno de si. Com effeito, as campinas estavam despidas de vegetação, e as montanhas da Capadocia desenhavam-se no horisonte sob um manto de neve; não havia flores nem fructos senão no ceo, nas regiões da primavera eterna.

— Dorothea, disse elle, onde estás tu?

— Na patria, respondeu o menino. Bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus Nosso Senhor!

E desappareceu, deixando o celestial presente nas mãos de Theophilo, que, apertando as flores ao peito, correu para Sapricio, exclamando:

— Sou christão!

N'aquella mesma noite, depois de longas torturas, que soffreu com incrivel constancia, Theophilo foi degollado, indo reunir-se, nos jardins do ceo, com a santa martyr Dorothea.

*P.*

---

ABRAXAS E ABRACADABRA

*Abraxas* era uma palavra mystica que Basilides e sectarios empregavam para exprimir o Ser supremo. Basilides suppunha uma multidão de deuses [que e]ram outras tantas processões do seu Abraxas. Os padres da egreja fazem menção d'esta monstruosa doutrina. Tertuliano dá-nos uma idéa d'ella [n'este]s termos: «Em seguida appareceu o heretico [Basili]des, o qual dizia que o Deus supremo era Abraxas, creador do entendimento. Do entendimento nasceu o Verbo, segundo este heretico. Do Verbo, a Providencia. Da Providencia, a virtude e a sabedoria. D'estes dons, os principados, os poderes, e os anjos; em seguida uma emissão infinita d'estes anjos, os quaes, segundo Basilides, tinham composto trezentos e sessenta e cinco ceos. No numero d'estes anjos entra o Deus dos judeus, como creador do mundo, e classifica-se em ultimo logar, isto é, o Deus da lei e dos prophetas, que elle dizia não ser Deus, mas unicamente um anjo.»

Santo Ireneo, Santo Agostinho, e outros, fallam tambem do Abraxas.

O numero trezentos e sessenta e cinco encontra-se encerrado na palavra Abraxas, decompondo esta, segundo a maneira de contar usada entre os gregos. Para isso é necessario arranjar as letras pelo seguinte modo:

| | |
|---|---|
| a | 1 |
| B | 2 |
| p | 100 |
| a | 1 |
| E | 60 |
| a | 1 |
| T | 200 |
| Somma | 365 |

Quinto Seréno Samonico, medico que tinha abraçado as superstições magicas de Basilides, formou de Abraxas, a palavra Abracadabra, na qual elle suppunha a virtude de curar as febres e outras doenças. A fórmula da receita, e modo d'applicação eram assim: mandava aos doentes que a escrevessem muitas vezes sobre um papel, subtrahindo sempre uma letra em cada repetição, até formar um triangulo, e que ligassem ao pescoço esta especie de *bentinho*.

ABRACADABRA
ABRACADABR
ABRACADAB
ABRACADA
ABRACAD
ABRACA
ABRAC
ABRA
ABR
AB
A

Tal era o milagroso triangulo.

*N. S.*

---

CHÁ TEMPERADO COM MANTEIGA

Se os tartaros temperam o chá com sal, como já dissemos n'outra parte d'este semanario, os seus visinhos thibetanos lhe juntam outra substancia, ainda de peior effeito para paladares europeus: é manteiga. Fervem o mesmo chá em barras ou tijolos, que a China exporta para a Tartaria e Russia, deitam-lhe boas doses de manteiga, que fórma sobre o liquido uma camada oleosa, que, quanto mais espessa é, melhor se reputa preparada a bebida.

Em geral a população de Thibet, vive miseravelmente. Pouco trigo cultiva, e ainda menos arroz. O principal alimento é *tsambá*, farinha de cevada torrada, que deitam em chá a ferver, amassando-a e levando-a á boca com os dedos. A carne para os thibetanos é comida de luxo, e de ordinario na mesa dos ricos a servem em dois pratos, n'um cozida, e n'outro crua, comendo de ambas egualmente com o mesmo desfastio, sem qualidade alguma de adubo. Tem, comtudo, o bom gosto de nunca comerem sem beber certo licor agro, feito de cevada fermentada.

*C.*



# INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 6 P.